

O TEMPO NA LINGUAGEM DE ALGUÉM QUE ENVELHECE – UMA CONTRIBUIÇÃO DA LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

(The time in the language of someone who is ageing – a contribution by the linguistics of enunciation)

Patrícia da Silva Valério¹
(Universidade de Passo Fundo)

ABSTRACT

This paper investigates the specificity of time in the language of adults aged over 60, combining the knowledge of linguistics (BENVENISTE, 1989; 1995), philosophy (RICOUER, 2007) and psychoanalysis (FREUD, 1975; GARCIA-ROSA, 1991; ROSSI, 2010). It analyses the language of someone who is ageing not through the biological bias, but through the perspective of the linguistics of enunciation. The results pointed out that the language is the possibility of living uniquely its experience of time.

Keywords: Time. Language. Enunciation.

RESUMO

Este trabalho investiga a especificidade do tempo na linguagem de adultos com mais de 60 anos, reunindo conhecimentos da linguística (BENVENISTE, 1989; 1995), da filosofia (RICOUER, 2007) e da psicanálise (FREUD, 1975; GARCIA-ROZA, 1991; ROSSI, 2010). Analisa a linguagem de alguém que envelhece não sob o viés biológico, mas a partir da perspectiva da linguística da enunciação. Os resultados mostram que a linguagem é a possibilidade de viver singularmente a experiência do tempo.

Palavras-chave: Tempo. Linguagem. Enunciação.

INTRODUÇÃO

Este texto constitui parte de uma investigação maior² que teve por objetivo pensar sobre a especificidade do tempo na linguagem de adultos com mais de 60 anos, reunindo conhecimentos da linguística (BENVENISTE, 1989; 1995), da filosofia (RICOUER, 2007) e da psicanálise (FREUD, 1975; GARCIA-ROZA, 1991; ROSSI, 2010).

O interesse de pesquisa surgiu em razão do convívio com pessoas com mais de 60 anos e da observação da ocorrência de narrativas sobre a presença do passado na fala dessas pessoas. As pessoas falam *do* e *sobre* o tempo num dado momento do presente, ora narrando histórias ou acontecimentos, ora repetindo fatos já contados, às vezes até mesmo para os mesmos interlocutores. Por que o tempo está tão presente na linguagem dessas pessoas? Que tipo de relação se constrói entre o sujeito e o tempo *na* e *pela* linguagem?

¹ Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Unisinos, mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo e graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo. É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UPF e desenvolve estudos na linha de “Constituição e interpretação do texto e do discurso”. E-mail: patriciav@upf.br.

² Tese de doutorado: *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*.

É possível pensar sobre a linguagem do presente a partir de uma manifestação linguística do passado? Benveniste (1995, p. 26) nos encorajou a ir em busca de respostas a essa questão em vários textos que integram os PLG³, mas quando lemos sua afirmação de que “o discurso faz renascer o acontecimento e a experiência do acontecimento”, encontramos uma espécie de senha que impulsionou a investigação. Se *o discurso faz renascer o acontecimento*, como podemos sustentar que a fala sobre o passado é tão somente “do passado”? Se a enunciação é da esfera do discurso e constitui um momento inédito, é legítimo asseverar que a fala de alguém pode ser uma mera repetição?

Decidimos problematizar a questão do tempo (manifesto via memória, nas narrativas de fatos e acontecimentos do passado e ou na repetição desses) não sob o viés físico ou biológico, mas como linguistas da enunciação. Assim sendo, dirigimos nosso olhar para as manifestações do tempo na linguagem sob o aspecto da singularidade de quem evoca.

Sabemos que nem sempre é dado o devido valor social à fala sobre o passado. Quando no discurso de adultos, em especial, no discurso daqueles que viveram bastante tempo (incluímos aqui todos aqueles que a sociedade considera idosos), costuma ser associada, de acordo com o senso comum, à fala “de velho”⁴ – uma fala que parece ter sentido apenas para o falante/locutor e que se torna desinteressante para o ouvinte/ interlocutor.

Estamos interessados na singularidade advinda da enunciação de alguém que envelhece. Nesse sentido, não pretendemos categorizar um discurso tipológico⁵. Buscamos refletir sobre o lugar que o tempo (manifesto via memória ou repetição) pode ocupar no discurso de adultos com mais de 60 anos, que se tornam sujeitos na e pela linguagem e que resgatam o tempo e a memória pelo discurso e não na e pela idade.

Muitas são as razões que justificam o interesse na linguagem de adultos com mais de 60 anos. Em vista dos limites deste artigo, elencamos apenas algumas.

A primeira constatação é o crescimento da população idosa no mundo. De acordo com dados da ONU⁶, a população no mundo todo está envelhecendo. Japão, Itália, Alemanha, Finlândia, Bulgária e Grécia contam com população idosa em torno de 30%. Um segundo aspecto é o aumento

³ Problemas de Linguística Geral I (1995) e Problemas de Linguística Geral II (1989).

⁴ Decidimos questionar o conceito de velho (ou de idoso), razão pela qual nos referimos, ao longo desta pesquisa, a pessoas com mais de 60 anos. Embora a idade não possa ser fator desconsiderado, sabemos que a definição de idoso não pode ser reduzida à mera soma de um tempo de vida. Estamos de acordo com Mucida (2012) para quem o conceito de velho não corresponde a uma categoria estável, natural e homogênea, pois (co)existem inúmeras “velhices” em constante processo de ressignificação.

⁵ Por exemplo, um discurso de velho em oposição a um discurso de qualquer outra categoria etária, psicológica ou social.

⁶ <http://www.un.org/esa/socdev/documents/ageing/Data/WorldPopulationAgeingReport2013.pdf>
Acesso em 23/10/2015.

da população idosa no Brasil. Conforme relatório da ONU de 2015⁷, a população idosa no país está em torno de 12% e, conforme estimativas, em 2050 esse número deve chegar a 22,5%⁸. Esse cenário, por si só, revela a urgência da produção de mais conhecimento sobre a população que envelhece. É nesse contexto que surge a terceira motivação para essa investigação. Se a cada ano que passa mais pessoas viverão mais tempo, é necessário ampliar os estudos que reflitam sobre essa população que está envelhecendo sob diferentes perspectivas teóricas. Pensamos que a linguística tem muito a contribuir, uma vez que ela é a tentativa de compreender a linguagem, como ensinou Benveniste (1995, p. 285), e a linguagem é *condição do homem*⁹, pois é a linguagem que “ensina a própria definição do homem.”

Qual é o papel do tempo, manifesto através da memória e/ou da repetição, no discurso de adultos com mais de 60 anos? Como o passado atua no presente dos participantes da pesquisa? Quem é esse sujeito que recorre à memória para instituir seu lugar em um espaço-tempo? Essas foram algumas questões que nos propusemos a responder.

Acreditamos que os estudos linguístico-enunciativos encontram terreno fértil para problematizar esse tema que, ao focalizar o papel do tempo no discurso, põe em relevo a singularidade da enunciação de alguém com mais de 60 anos. Esperamos, assim, contribuir para que os resultados alcançados possam abrir espaço para a expansão da linguística, especialmente dos estudos enunciativos, e para a ampliação da compreensão da dimensão subjetiva constitutiva da atividade linguística implicada nas interações sociais que envolvem o sujeito.

Reconhecemos, entretanto, os limites de nossa pesquisa que não tem a pretensão de encerrar a reflexão acerca do tema, mas apontar para outra(s) possibilidade(s) de análise ao colocar no centro da discussão o homem e a linguagem. Realizamos uma primeira experiência de olhar em direção às atividades significantes dos homens em interação social (conforme Teixeira, 2012); nossa pesquisa configura-se em “uma” perspectiva de leitura para as representações do sujeito na linguagem e visa contribuir com algo novo para a compreensão do modo como o tempo (via memória e/ou repetição) tomam lugar no discurso de alguém que envelhece.

Para apresentar este estudo, organizamos cinco seções. Na primeira, trazemos a teoria linguístico-enunciativa que embasa nossa investigação com objetivo de explicitar como a pessoa que fala se torna sujeito no discurso. Na segunda, abordamos a categoria tempo, já que este é o lugar, por excelência, onde habitam discurso e memória. Na terceira seção, apresentamos a metodologia da

⁷ <http://esa.un.org/unpd/popdev/Profilesofageing2015/index.html> Acesso em 23/10/2015

⁸ <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rs> Acesso em 21/09/14.

⁹ Argumento desenvolvido por Flores (2013b), no capítulo 3 da obra *Introdução à teoria de Benveniste*, quando apresenta sugestões de temas para debate a partir do que considera o primeiro momento da reflexão do mestre sírio sobre a enunciação, quando se volta à discussão sobre a subjetividade e à categoria de pessoa.

pesquisa para, a seguir, na quarta seção, a partir de um recorte do corpus da pesquisa, mostrar de que modo a noção de tempo se redimensiona no discurso de alguém que envelhece. Por fim, na quinta e última seção, apresentamos as considerações finais.

1. NOÇÃO DE SUJEITO EM BENVENISTE – ALGUÉM QUE ADVÉM NA E PELA ENUNCIÇÃO

Com objetivo de compreender como a pessoa que fala se torna sujeito no discurso, percorremos um caminho teórico, guiados por Flores (2013b), a fim de derivar, do constructo teórico de Benveniste (1989; 1995), uma noção de sujeito da enunciação que nos permitisse compreender quem é esse sujeito que fala *no tempo* e *do tempo* e que recorre à memória para instituir-se em um *aqui-agora*.

Definir a noção de sujeito em Benveniste é tarefa complexa, pois tal noção não se encontra explícita na obra do linguista. De acordo com Teixeira & Flores (2010), as palavras *sujeito*, *subjetivo* e *subjetividade* são recobertas por significados diferentes nos textos do linguista sírio, por isso, além da necessidade de instaurar um ponto de vista de leitura, é preciso atentar para a especificidade da construção do pensamento teórico do autor, que, muitas vezes, é incompatível com uma leitura linear.

De acordo com Flores (2013a, p. 99), é necessário considerar a existência de uma rede conceitual em Benveniste, por isso é difícil – e mesmo improdutivo – estudar o significado de um termo isoladamente, uma vez que não se podem tomar os mesmos itens lexicais como sinônimos nem mesmo em um único texto do autor. Além disso, muitas palavras e noções encontram-se articuladas sob relações hierárquicas, paralelas, transversais, fazendo com que o sentido de um termo se apoie na definição de outro(s).

Em razão dessa complexidade, Flores (2013a) decide considerar a teoria enunciativa benvenistiana como estruturada por uma *rede de primitivos teóricos* (p. 99) e identifica, em sua análise do texto *Da subjetividade na linguagem* (1958), o que considera o primeiro princípio da teoria: “o homem é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem” (p. 100).

A partir do termo *intersubjetividade*, Flores elege um percurso lexical¹⁰ a ser percorrido, o qual considera importante para compreender o escopo da noção de sujeito da enunciação em Benveniste. Para Flores (2013a, p. 100), a noção de intersubjetividade revela o princípio básico da teoria de Benveniste, o de que “o homem é de natureza intersubjetiva porque é constituído pela linguagem”. Essa ideia da linguagem como condição de existência do homem e de sua natureza intersubjetiva é uma novidade na leitura atual dos textos do linguista sírio: “a linguagem é constitutiva

¹⁰ Tal percurso envolve estudo minucioso dos termos *linguagem*, *língua*, *línguas*, *homem*, *locutor*, *sujeito*, *categoria de pessoa*, *subjetividade* e *intersubjetividade* e pode ser consultado em Flores (2013a) e em Valério (2015).

do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente, sem o que não se poderia encontrar ‘no mundo, um homem falando com outro homem’. ” (p. 106).

A *enunciação ensina sobre o homem*, assevera Benveniste, pois os seres humanos não são somente os objetos de conhecimento uns para os outros, mas também de sujeitos que “se confirmam uns aos outros. ” (WATZLAWICK apud CAPT, 2013, p. 91).

Consideramos a noção de intersubjetividade presente na enunciação de grande importância para esta pesquisa, pois, conforme atestam Teixeira & Flores (2010), na leitura de Ono (2007), a enunciação é sempre dialógica: “a noção de intersubjetividade abre as possibilidades da teoria benvenistiana da enunciação à relação com o social” (p. 51).

Veremos, em parte do recorte de análise que apresentamos na última seção deste texto, de que modo a relação de intersubjetividade se constitui duplamente – na relação com outro (tu imediato) e na relação com o Outro (os outros discursos que circulam socialmente).

A partir da leitura de Benveniste (1995, p. 286) de que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, Flores (2013a) passa a defender uma noção de *efeito de apropriação* que transformará o homem/o locutor em *sujeito*. Nesse sentido, não haveria um sujeito aprioristicamente concebido, mas sim um sujeito que advém da enunciação.

A noção de sujeito que se constitui através da enunciação é inevitável para compreender as condições enunciativas associadas ao processo de instanciação do sujeito no discurso dos adultos com mais de 60 anos que integram esta pesquisa. Se o sujeito não existe antes da enunciação, mas se institui através dela, precisamos olhar para as possibilidades dessa instanciação singular do sujeito que enuncia.

Se aceitamos esse princípio, é porque nos contrapomos à ideia da existência de um sujeito (seja ele jovem, adulto, velho/ idoso) preexistente à enunciação. Estamos em busca da definição de um lugar que o tempo ocupa no discurso desses adultos com mais de 60 anos, que se tornam sujeitos *na e pela* linguagem e que resgatam o tempo e a memória pelo discurso e não *na e pela* idade. Assim, para nós, toda vez que alguém enuncia uma experiência nova se realiza na linguagem, o que coloca em cheque o pressuposto de que as pessoas repetem.

Olhamos de modo singular para o discurso das pessoas com mais de 60 anos que integram o corpus da pesquisa a fim de analisar *como* essas pessoas se tornam sujeitos (assumem uma posição de sujeito) via enunciação. Como vimos, a base em que se estrutura a teoria do sujeito em Benveniste é a *intersubjetividade*. Encontramos nesse conceito uma abertura possível para problematizar a seguinte questão: se o sujeito se constitui pela intersubjetividade, isto é, pelo outro, como esse lugar do outro/Outro possibilita a constituição do *eu*? Voltaremos a essa questão em breve. Antes,

apresentamos uma reflexão sobre o tempo, categoria enunciativa indissociável da categoria sujeito na constituição do discurso.

2. O TEMPO – LUGAR ONDE HABITAM DISCURSO E MEMÓRIA

Nosso interesse de pesquisa, já dissemos, é analisar as manifestações do tempo na linguagem de alguém que envelhece.

Estudos sobre a categoria *tempo* são recorrentes na literatura contemporânea (ALVES, 2008; BIANCHI, 1993; FIORIN, 2010; MUCIDA, 2012). O tema há muito instiga filósofos e pensadores, como Aristóteles, Heidegger, Kant e Santo Agostinho, para citar algumas das referências mais recorrentes. “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu o sei; se eu quiser explicá-lo a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo.” (SANTO AGOSTINHO, XI, 1948, p. 17). Tal é a complexidade dessa categoria que não seria difícil emaranhar-se nos labirintos dessa reflexão. Para não nos incorrerem em tal risco, dado o limite de espaço, restringiremos neste artigo a abordagem do tempo na perspectiva benvenistiana. Justificamos essa escolha não apenas pelo caráter da pesquisa, mas porque a noção de tempo em Benveniste é fecunda para a busca da compreensão do modo como a noção de tempo se inter-relaciona com a noção de sujeito para analisar o papel do tempo no discurso.

Para Dessons (2006, p. 109, *tradução livre*), a relação entre discurso e tempo é muito importante na teoria da enunciação: “esta relação, estabelecida pela instanciação do sujeito no presente de sua fala, faz da linguagem a condição mesma da história”.

No conjunto de textos que integram os PLG de Émile Benveniste, a categoria tempo ocupa importante espaço¹¹. Arriscamos trazer aqui apenas uma parte da reflexão¹², assumindo o risco dessa opção.

Para Benveniste (1989; 1995), a categoria tempo ocupa posição privilegiada nos estudos sobre a enunciação. Desde a discussão sobre os planos histórico e do discurso¹³, passando pelas descrições de tempo físico e tempo crônico, ganha destaque algo que o autor classifica como *um terceiro nível*

¹¹ Émile Benveniste aborda a temática de modo mais específico em dois textos: *As relações do tempo no verbo francês* (1995) e *A linguagem e a experiência humana* (1989).

¹² Baseamo-nos nas reflexões que constam no texto *A linguagem e a experiência humana* (1989). Destacamos, contudo, a importância da integralidade da leitura dos textos referidos para a compreensão da pesquisa.

¹³ Benveniste (1995) distingue plano histórico do plano do discurso no texto *As relações do tempo no verbo francês*. Tal distinção, alerta Flores (2012), tem sido fonte de leituras equivocadas e mal-entendidos que produziram muitas críticas. Uma das prováveis causas de erros de leitura se deve ao fato da polissemia em torno do termo enunciação nos diferentes textos de Benveniste. Por isso, adverte Flores (2012, p. 151), é importante, ao se deparar com os textos do linguista sírio, assumir uma leitura epistemológica: “a teoria de Benveniste precisa ser lida como uma complexa rede de termos, definições e noções que estão interligadas entre si através de relações hierárquicas – hiperonímicas e/ou hiponímicas -, paralelas, transversais, entre outras”.

do tempo – o tempo linguístico, pois “uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico, outra coisa é inseri-lo no tempo da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 74). É a esse tempo que nos dedicamos agora.

Com Benveniste (1989) aprendemos que o tempo linguístico é uma categoria de linguagem, pois é produzido na e pela enunciação, assim, toda vez que o pronome *eu* aparece em um enunciado “uma experiência humana se instaura *de novo* e revela o instrumento linguístico que a funda”. (BENVENISTE, 1989, p. 69).

A noção de tempo linguístico não estabelece correlação com os tempos verbais. Trata-se de um tempo do discurso, portanto da enunciação, a qual promove, literalmente, alguns signos à existência. Benveniste ensina que “é preciso saber distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de ‘indivíduos que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor” (BENVENISTE, 1989, p. 86, *grifos do autor*). É a enunciação que cria o ‘aqui-agora’ da enunciação. Assim, a *temporalidade é produzida na e pela enunciação*, pois o tempo

é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. (BENVENISTE, 1989, p. 85).

A noção de tempo ligada à instância da enunciação é-nos particularmente importante. Buscamos compreender como a noção de tempo se redimensiona no discurso de pessoas com mais de 60 anos. Isso porque as pessoas dizem algo – aqui e agora - e o conteúdo desse algo dito, como veremos daqui a pouco no diálogo que recortamos para análise, está ligado ao tempo, ou seja, a algo que aconteceu no passado de alguém que fala, mas que retorna, através da linguagem, ao presente da fala. A enunciação parece então facilitar a emergência de dois níveis de temporalidade concomitantemente: um primeiro nível ligado ao acontecimento – *hic et nunc* – e outro promovido por ele, uma espécie de retorno (o que acontece via narrativa, eco, repetição).

Esse que denominamos primeiro nível de temporalidade está em uma situação de absoluta singularidade, pois se trata da instauração de um aqui-agora, condição de existência da enunciação. Trata-se de um tempo linguístico ligado ao exercício da fala, que se organiza e define como função do discurso e tem seu centro no presente da instância de fala: “cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do ‘presente’ (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 1989, p. 74).

É importante lembrar que essa temporalidade do presente manifesta-se, ao nível do discurso, até mesmo de modo implícito, pois *o único tempo inerente à língua é o presente do discurso*. Além disso, o tempo instaura uma experiência fundamental da qual todas as línguas dão testemunho, cada qual à sua maneira: é a possibilidade de determinar, através do presente do discurso, duas possibilidades de referências temporais: a de indicar o que não é mais presente e o que ainda pode se tornar.

Ocorre que, em razão da possibilidade desse que chamamos de primeiro nível de temporalidade, pode – e aí entra nossa contribuição – manifestar-se algo que compreendemos como integrante de um segundo nível de temporalidade. Esse segundo nível, ainda que só possa existir na dependência do primeiro, possibilita a inscrição de um sujeito na linguagem, a qual pode se manifestar no resgate da memória, através de narrativas de situações que façam sentido no presente e que permitam que as pessoas se inscrevam no presente.

Os participantes desta pesquisa resgatam, linguisticamente, o passado. Quando alguém enuncia – aqui e agora – a noção de tempo está assinalada; isso porque o sujeito fala *no* tempo, mas também *do* tempo (do passado, do presente ou do futuro) e fala para um outro com quem irá alternar o papel de protagonista na enunciação.

Vimos que há uma propriedade original da linguagem: o fato de este presente ser reinventado a cada vez que um homem fala porque esse momento é novo, pois ainda não foi vivido. Desse modo, só é possível falar do tempo, seja ele passado, passado mais distante de todos ou mesmo do presente pela linguagem. Assim sendo, a memória (via narrativa do passado, por exemplo¹⁴), sob a perspectiva enunciativa, pode ser uma categoria capaz de promover a recuperação de uma possibilidade enunciativa.

Em Benveniste vimos que o *tempo* é uma condição para promover a língua à enunciação, mas qual é o papel do tempo no discurso de alguém que envelhece? De que modo o tempo se materializa na construção discursiva dos participantes da pesquisa?

Como dissemos na introdução deste texto, não queremos reduzir a velhice a uma etapa cronológica, posto que (co)existem inúmeras formas de velhice¹⁵. Olhamos para um discurso de

¹⁴ Na tese referida, aprofundamos a noção de memória a partir dos conceitos de memória individual e coletiva (RICOUER, 2007) e de repetição (FREUD, 1975; GARCIA-ROZA, 1991; ROSSI, 2010).

¹⁵ Conforme Mucida (2012), cada sujeito envelhece à sua maneira, por isso não se pode categorizar esse processo, que é contínuo e individual para cada pessoa. Sob o ponto de vista psicanalítico, a velhice caracteriza-se pela morte do desejo, assim “o sentimento de velhice é bem diferenciado em cada caso; apenas quando persiste o predomínio dos desinvestimentos, uma espécie de autodestruição toma a forma de morte real ou morte psíquica com a formação de inúmeros sintomas” (p. 34).

alguém que envelhece, observando uma posição que se constrói no ato enunciativo, *na* e *pela* linguagem.

Nas seções precedentes, procuramos, ainda que rapidamente, discorrer sobre as relações entre as categorias de pessoa e tempo. Vimos que não podemos pensar sobre tempo sem levar em conta o sujeito, pois ambos são indissociáveis. Ao estudar o sujeito, aprendemos que o fundamento da linguagem é a intersubjetividade, pois *eu* não existe de forma autônoma, sozinho; o *eu* só existe em razão de um *tu*, a quem se dirige e cuja condição se alterna no processo de comunicação. Vimos também que o tempo é categoria indissociável da categoria sujeito, pois o homem está *no tempo*.

As pessoas que integraram esta pesquisa estão inseridas em um mundo falado e falante. Mas em que medida se dá sua participação, via linguagem, nesse mundo? Como encontram um lugar para se instituírem como sujeitos na enunciação? E se não o encontram, qual é o movimento que se estabelece na enunciação? O que dificulta o processo de instituição de um lugar de fala?

Qual é o papel do tempo no discurso dos adultos com mais de 60 anos que integram esta pesquisa? E, ainda, de que modo o resgate do tempo contribui para a instituição de um lugar na enunciação?

Com Benveniste (1995, p. 27) aprendemos o poder fundador da linguagem, que “instaura realidades, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”; vimos que “é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1995, p. 27), e que tal é o poder da língua que indivíduo e sociedade se fundam através dela (a língua).

Inspirados por esses questionamentos é que mergulhamos nos dados, deixando-nos interrogar por eles. Antes de seguir, queremos explicitar a especificidade da constituição de um *corpus* em linguística. Em enunciação, o *corpus* é um material que se transforma pelo olhar do analista, que observa como ocorre a transformação do locutor em sujeito através do ato de apropriação da linguagem. Sob esse olhar, emerge a singularidade de um ato que, por isso mesmo, não admite categorizações prévias. Por essa razão, a metodologia de transcrição foi delineada de acordo com a singularidade do próprio objeto de análise e com a particularidade desta pesquisa, sem seguir um modelo prévio estabelecido¹⁶. Conforme Surreaux (2011), a transcrição é uma interpretação daquilo que se escuta ou presencia, já que o que foi enunciado não pode ser recuperado na sua totalidade. Trata-se, portanto, de uma nova enunciação, se entendemos enunciação como a conversão individual da língua em discurso, como ensina Benveniste. Assim, defendemos, de acordo com Surreaux (2011),

¹⁶ Assumimos, na transcrição dos dados, a influência das leituras de textos sobre oralidade cuja transcrição tivemos oportunidade de conhecer. No entanto, justificamos que não nos associamos a nenhuma norma de transcrição preestabelecida exclusivamente por uma linha teórica.

que a transposição do registro dos fatos linguísticos da modalidade oral para a escrita produzirá uma nova enunciação – a do transcritor que enuncia a partir de algo que já foi enunciado – via testemunho, individual, portanto. O que é passível de ser recuperado é o material linguístico produzido, não o ‘ato’ em si, irrecuperável, evanescente que é. Dito isso, passamos à descrição da metodologia da pesquisa.

3. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Os participantes da pesquisa são adultos com mais de 60 anos, que participaram voluntariamente da pesquisa¹⁷ e autorizaram o registro de conversas produzidas em situações informais, no convívio familiar ou bastante próximo (no caso de alguns encontros com amigos em ocasião de visita). A gravação desses dados se deu entre junho de 2014 e fevereiro de 2015, período em que foram gravadas e transcritas 8 horas de conversa (480 minutos), que foram numeradas por data e, para fins de análise, denominadas *encontros*.

Além das gravações, foram registradas, em diário de campo¹⁸, informações importantes (tais como presença de outros participantes na conversa, assuntos discutidos antes do início e após o término das gravações, entre outras). Tais informações revelaram-se fundamentais para a contextualização de cada situação enunciativa analisada.

Os participantes¹⁹ tinham, no período em que as gravações foram realizadas, 67 anos. A participante, dona de casa, residia com o marido, comerciante. Ambos moravam sozinhos, gozando de boa saúde, sem necessidade de cuidados de terceiros. A esposa não trabalhava fora de casa e não possuía renda própria, sendo o marido o único provedor do casal que, somava, no período em que foram finalizadas as gravações, 45 anos de união. A casa era frequentada pelos três filhos do casal (duas filhas e um filho – adultos), dois genros e duas netas, sendo uma adulta e outra ainda criança. Além dos filhos e das netas, o casal recebia, com frequência, especialmente nos finais de semana, visita de outros familiares e amigos que, eventualmente, participaram de alguma gravação.

Assim, os dados que recortamos e transcrevemos contam com diálogos estabelecidos com diferentes interlocutores: entre os próprios idosos (casal); entre o casal de idosos e as filhas; entre o casal de idosos e genros, visitas (jovens), etc. Procuramos observar se o comportamento linguístico dos nossos participantes se modificava quando havia mudança do interlocutor. Analisamos,

¹⁷ Conforme Projeto 20205513.6.0000.5344 aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade em 09/12/2013.

¹⁸ Sob guarda da pesquisadora.

¹⁹ O casal participante da pesquisa, Alice e Bernardo, tiveram os nomes modificados para resguardar a identidade. Optamos por apresentar, na transcrição dos dados, apenas as três primeiras letras dos nomes fictícios.

principalmente, em que medida o tempo (às vezes emergente via memória) favorece a instanciação do sujeito na e pela linguagem.

A teoria que elegemos a fim de olhar para os fatos de língua, a enunciação à luz de Benveniste, não possui uma “fórmula” metodológica fixa, mas uma reflexão sobre a relação do falante com a língua. Como vimos em Flores (2013a), ler Benveniste e, principalmente, inspirar-se em suas formulações para pensar sobre fatos de língua, implica ter clareza de que o autor não apresenta instruções absolutas, e sim *indicações programáticas que permitem vislumbrar reflexões* (p. 98).

Olhamos para alguém que realiza uma experiência humana através da linguagem. Experiência essa que congrega sujeito, tempo e memória. Quem é esse sujeito que fala *no tempo e do tempo* para instituir-se como sujeito na linguagem?

Sabemos que o discurso e a memória habitam no tempo. De que modo o tempo e a memória se instanciam no discurso dos participantes desta pesquisa? E de que tempo estamos falando? Haverá uma única forma de temporalidade, a linguística, sob a qual todas as demais possibilidades estarão abrigadas? Como a memória atua na enunciação? A memória pode significar a emergência de uma forma de temporalidade discursiva ou ela é essencialmente do passado?

Olhamos para os fatos linguísticos que selecionamos, observando como a experiência do tempo se manifesta na linguagem do sujeito. Dirigimos nossa atenção à apropriação não só da linguagem, mas à instauração de um lugar na enunciação. Esse *lugar* é instituído somente em uma relação interdiscursiva, já que, como ensinou Benveniste, “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha locução um *tu*.” (1995, p. 286).

Olhamos, também, para o papel do outro na constituição desse *eu*. Sabemos que é pela reversibilidade que garantimos um lugar simbólico, que autenticamos nossa posição de sujeito. O *eu* é validado pelo *tu*? Se sim, de que modo se dá essa validação? E se não, o que ocorre com as pessoas do discurso? O *eu* não validado pelo *tu* pode se transformar no *ele*, a não-pessoa de Benveniste?

Inspirados por essas reflexões, apresentamos, a seguir, um pequeno recorte que integra nossa investigação, a fim de descrever a forma como o tempo (via memória) toma lugar no discurso (e, por causa dele, na vida) de alguém que envelhece.

4. O TEMPO COMO POSSIBILIDADE DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA LINGUÍSTICA

O recorte que escolhemos para analisar integra uma situação de conversa informal registrada em gravador de voz na casa dos participantes da pesquisa em um final de tarde. Participam dos diálogos, além do casal, uma das filhas com o respectivo marido e a neta do casal²⁰. A gravação total

²⁰ Interessa-nos, particularmente, a posição enunciativa dos adultos com mais de 60 anos, Bernardo e Alice.

desse diálogo é de 60 minutos, mas o trecho em análise é apenas da primeira parte do diálogo. Descrevemos, inicialmente, a contextualização do momento enunciativo, (a situação) e, na sequência, apresentamos o trecho transcrito e respectiva análise.

Situação: a família está reunida, tomando chimarrão. Bernardo conta um episódio ocorrido durante a semana com um conhecido seu, quando lembra de alguém do passado, dos amigos da época da juventude e de um episódio em especial ocorrido nos primeiros anos da fase adulta. Assim, aproveita a oportunidade para contar o episódio, uma travessura que teria protagonizado junto aos amigos na cidade onde nasceu e passou boa parte da infância e para onde retornava muitas vezes a passeio depois de adulto.

- 11 BER: uma vez lá em A. (refere-se à cidade de origem) né quando eu ia pra lá... porque... eu vim
12 pra cá em 61 e aí... mas eu mandei fazer um terno também porque aqui
13 ANT: pra vir pra PF?
14 BER: não aqui né... quando... eu vim mora aqui todo mundo andava de gravata... nós ia no
15 matinê
16 ANT: de gravata?
17 BER: de gravata!
18 CAR: [mas ahhh]
19 BER: no... todo mundo... nós...na primeira seção... a gente caminhava em redor da praça sabe?
20 ALI: lá em S. (refere-se também à sua cidade de origem) também nós passeava em redor da
21 praça
22 CAR: (ri) e ficava dando caminhada? É a volta de carro de hoje!
23 BER: [três amigo] três amiga ... e aí eu não tinha roupa daí mandei fazer um terno pra mim ali
24 ALI: eu me lembro que tu apareceu lá em A. num domingo... bem na porta do Demamann...eu
25 vinha vindo da missa
26 BER: (dirigindo-se à esposa): mas deixa eu contar essa primeiro, depois tu conta.
27 ALI: parecia um doutor!
28 BER: (continuando a história): aí de noite...eu eu saí de gravata né... e o Zeca T. tava de camisa
29 e tá né... e... um sábado de noite...não, uma sexta-feira de noite...tava o V. lá também tava
30 toda a turma lá...e eu entrei lá dentro e tá...ficamos conversando...[aí tem gente que...]
- 31 ANT: [tá, mas eu me perdi], não estavam dando volta na praça?
32 BER: não não ... eu te contei assim que naquela época se usava terno aí quando eu vim pra cá
33 eu dei um jeito de mandar fazer um pra mim também...aí eu fui pra A. e lá botei meu terno,
34 andava de gravata lá...chegamos num num hotel lá onde tinha um restaurante...hoje tem um
35 hotel e tinha uma camionete encostada ali ...uma Rural e aí o homem chegou encostou aquela
36 camionete ali ... aí tava conversando com o Zeca T, V... tava toda turma ali... e uns jogando
37 snooker lá... aí o Zeca T. disse *vamo prende esse cara aí?* Eu digo *quem é esse cara? Ah chegou*
38 *um viajante agora aí... eu digo não, vamo prender já. Tá, eu sou o inspetor de polícia e tu é o*
39 *fiscal, vamos pega o cara.*
40 ALI: o fiscal tava de gravata! (fala a esposa tentando contribuir na descrição)
41 BER (continuando a narração da história): Aí chegamos lá o cara tava sentado numa mesa lá
42 nós... inaudível (pausa) se identificamos *eu sou fulano* ele e ele não pediu documento nada
43 pra nós... e *eu sou fiscal da receita e esse aqui é inspetor de polícia e nós gostaria de ver seus*
44 *talões de nota, sua mercadoria...* e o homem foi lá e começou a puxar a mala e eu digo e *vai*
45 *abrindo e vai abrindo e vamos olhando as notas ...e o Zé me passava os talões de nota e eu ia*
46 *folhava... (ouve-se a risada de todos) folhamos...ta ta tudo bem, hoje fica por isso mesmo...*
47 *tudo bem...* o homem entrou pra dentro guardou tudo as coisas...entrou pra dentro e o V.,
48 meu irmão, disse *ó senhor, o senhor entrou numa fria aí... esses dois nenhum é nada, um é isso*
49 *o outro é aquilo ... o homem saiu atrás de mim e do Zeca e estamos até agora correndo...*
50 (ouve-se novamente a risadas de todos que estão escutando a história sendo contada por
51 Bernardo, ele, inclusive, ri, animado)
52 CAR: mas que barbaridade!

Como o objeto principal de nossa análise é a questão do tempo, em especial, no discurso de alguém que envelhece, é a essa categoria que dedicamos maior atenção ao observar os diálogos constituídos por Bernardo e Alice. Além dessa categoria, observamos dois movimentos importantes na constituição da enunciação: a instauração do outro (tu imediato) e a instauração do Outro (a cultura).

4.1 A categoria do tempo (e a especificidade da emergência da memória)

Como podemos ver, ao apropriar-se da língua, o locutor, Bernardo, transforma-se em sujeito via enunciação e instaura uma dupla temporalidade: uma primeira temporalidade, que é a da enunciação propriamente dita, como ensina Benveniste (1989, p. 74), já que “é pela língua que se manifesta a experiência humana no tempo”; e uma segunda temporalidade, que não está totalmente definida, como podemos ver na linha 11, quando diz: “uma vez lá em A.” Assim, vimos que em um aqui-agora da enunciação Bernardo instaura um outro tempo e lugar, um tempo indefinido de sua juventude na cidade natal.

Essa segunda temporalidade (uma temporalidade atrelada à enunciação) só pode ser construída porque está “contida” em uma primeira temporalidade, a enunciação, que é o ponto de partida, a origem do tempo. A enunciação procede da instauração da categoria do presente, da qual nasce a categoria de tempo. Por isso é que Benveniste afirma que o presente é a *origem do tempo*. Convém esclarecer que a enunciação não exige, necessariamente, a explicitação do tempo presente²¹. Como explica Benveniste (1989, p. 75), “na realidade o presente, assinalado pela coincidência do acontecimento e do discurso, é por natureza implícito e quando ele é explicitado formalmente, é por uma dessas redundâncias frequentes no uso quotidiano”.

O mestre sírio, mais uma vez, nos ajuda a compreender quando diz que “os tempos não-presentes, sempre explicitados na língua, a saber, o passado e o futuro, não estão no mesmo nível do tempo que o presente”, porque “o homem vai ao encontro do tempo ou o tempo ao encontro dele, segundo a imagem que anima nossa representação” (BENVENISTE, 1989, p. 75). É, portanto, o presente (muitas vezes implícito) da enunciação que ordena e dirige a instância do discurso.

Então, qual é a condição dessa segunda temporalidade que emerge *na* e *pela* enunciação?

Diremos que essa segunda temporalidade, manifesta na narrativa da travessura da juventude, emerge na e pela enunciação. Trata-se de uma temporalidade que evoca uma memória, o passado de alguém que, via linguagem, pode viver novamente uma experiência, pois é *na* e *pela* enunciação que alguém pode evocar o passado (ou o futuro), qualquer temporalidade que seja.

²¹ No fato linguístico em análise, podemos identificar marcas do tempo verbal presente do indicativo em raras ocorrências, tais como “eu me lembro” (linha 24), “mas deixa eu contar essa primeiro” (linha 26). Diremos que essas marcas referem o tempo do discurso de Benveniste. Outras ocorrências do presente do indicativo são percebidas na narrativa entre as linhas 37 a 39: “vamo prende esse cara aí?”; “eu digo quem é esse cara?”; “eu digo não, vamo prender já. Tá, eu sou o inspetor de polícia e tu é o fiscal, vamo pega o cara”. Essa segunda ocorrência representaria o que Benveniste define como presente histórico (1995).

Interessamo-nos pelo papel que o tempo (via memória) exerce no aqui-agora de uma enunciação. A análise desse fato linguístico revela que a enunciação (primeira temporalidade) possibilita a emergência de uma segunda forma de temporalidade. Esta emerge sob forma de testemunho²² através de pequenas narrativas, as quais dizem algo sobre quem as viveu: que caminhavam circundando a praça da cidade onde moravam, em momentos de lazer “a gente caminhava em redor da praça, sabe”? (linha 19); que os homens usavam terno e gravata para ir ao cinema (matiné) ou mesmo para passear “naquela época se usava terno” (linha 32).

Analisando esse fato linguístico podemos afirmar que o testemunho e a narração encontram-se em uma relação de proximidade. Como atesta Ricouer (2007, p. 172), “o fato atestado deve ser significativo, o que torna problemática uma distinção demasiadamente marcada entre discurso e narrativa”. Pensamos que o fato narrado (a teatralização protagonizada por Bernardo na juventude em um restaurante de hotel em A.) é significativo para ele, tanto que julga importante trazer para o presente de sua fala.

Mas em que medida a narração exerce papel de testemunho no discurso dos participantes da pesquisa?

Ricouer (2007) apresenta seis componentes que, na sua concepção, são fundamentais na operação do testemunho. Para nós, pelo menos três desses componentes permitem a correlação com o fato linguístico em análise.

O primeiro deles é a asserção da realidade factual do acontecimento relatado e a autenticação pela experiência do autor. O segundo componente diz que essa asserção da realidade é inseparável da conexão com o sujeito que testemunha, e o terceiro prevê a autodesignação inscrita “numa troca que instaura uma situação dialogal”. (RICOUER, 2007, p. 173).

Pensamos que, ao declarar “quando... eu vim mora aqui todo mundo andava de gravata” (linha 14), “a gente caminhava em redor da praça” (linha 19), “eu não tinha roupa daí mandei fazer um terno pra mim” (linha 23), entre outras, Bernardo está autenticando, linguisticamente, sua experiência humana no mundo. Tal autenticação somente é possível porque está conectada com esse sujeito que testemunha essa experiência. E, ainda, sua autodesignação está inscrita numa troca dialogal, a qual é corroborada, muitas vezes, com a ajuda da sua parceira, que confirma essas asserções: “também nós passeava em redor da praça” (linhas 20-21); “eu me lembro que tu apareceu lá em A. num domingo” (linha 24), “parecia um doutor!” (linha 27).

²² A definição de testemunho é construída por Ricouer (2007).

Essa troca dialogal com a parceira (que confirma o conteúdo narrado e contribui para a reconstrução dessa memória, acrescentando opiniões, detalhes²³), revela o que Ricouer (2007) chama de memória compartilhada, aquela que se constrói com os próximos, aqueles que compartilham conosco, pois participam do mesmo ato, o do envelhecer junto. De fato, percebe-se que a esposa, ainda que não tenha estado presente, testemunhando o principal fato narrado pelo marido – o da peça pregada no viajante que se hospeda em um hotel, conhece a história, tanto que ajuda a reconstruir essa memória, como se percebe na linha 40, “o fiscal tava de gravata!”. Ela sabe que “o fiscal” era o marido não porque estava presente no dia e no local em que o fato ocorreu, mas porque, provavelmente, testemunhou essa história várias vezes ao longo da vida, sendo contada a outros interlocutores.

Como pudemos perceber, a enunciação promove a instauração de uma dupla temporalidade: uma primeira, pertencente ao aqui-agora (irrepetível); e uma segunda modalidade que, embora dependente da primeira, torna possível viver, linguisticamente, uma experiência anteriormente vivida, presente na memória.

Dando sequência ao estudo, analisamos a instauração do outro (tu) na linguagem.

4.2 A instauração do tu – o outro imediato

Analisando o modo como se dá a introdução desse tópico, “uma vez lá em A.” (linha 11), podemos afirmar que não há a instauração de um tu (único/exclusivo), mas de vários “tu”. O grupo formado por Bernardo, Alice, Antônia, Carolina está partilhando uma experiência linguística. Cada um dos participantes é, portanto, um “tu”, um alocutário potencialmente apto a alternar a posição de parceiro linguístico desse *eu* (sujeito-idoso) que enuncia. Essa situação se efetiva, de modo explícito, nas linhas 13, 16, 31, quando o sujeito-idoso alterna a posição de *eu* com Antônia, nas linhas 18, 22 e 52, com Carolina e nas linhas 20, 24, 27 e 40, quando alterna essa posição com Alice.

Essa alternância de parceiros na enunciação, ora com a filha, ora com a neta, ora com a esposa, parece construir diferentes relações entre esses parceiros da enunciação. Explicamo-nos.

Se observarmos somente a relação de troca entre Bernardo e Alice, veremos que, na linha 20, por exemplo, a apropriação da língua por Alice se dá após ouvir a informação “a gente caminhava em redor da praça” (linha 19), informação que lhe dá a possibilidade de, além de confirmar, inserir-se como interlocutora/locutora, par no diálogo, atualizando sua condição de sujeito na linguagem. Em seguida, na linha 24, ela tenta, novamente, inserir-se no diálogo, confirmando o que o marido afirmara

²³ Por exemplo: “eu me lembro que tu apareceu lá em A. num domingo [...]”, linha 24; “parecia um doutor”, linha 27; “o fiscal tava de gravata!”, linha 40.

na linha 23 (que mandara confeccionar um terno). Dissemos “tenta”, porque ela sofre uma espécie de censura através da interpelação do marido que diz: “mas deixa eu contar essa primeiro, depois tu conta”, na linha 26. Ao que ela insiste, dessa vez tecendo um elogio: “parecia um doutor!” (linha 27), voltando a instanciar-se, novamente, somente na linha 40, quando parece tentar ajudar a re(construir) a memória da história narrada, já que, provavelmente, ouviu essa história outras vezes, tanto que contribui, linguisticamente, para o resgate dessa história.

No fato linguístico em análise, observamos a explicitação do tu, figura que irá alternar a posição de eu com Bernardo. Vimos que esse *tu* é assumido, a cada momento, por diferentes pessoas: a filha, a esposa, a neta. Mas esse *tu* não precisaria, necessariamente, estar explícito. Em *O Aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1989, p. 84) define o quadro da enunciação como *um ato, uma realização individual* de um locutor que “se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”. Diz ainda que “desde que se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro” (p. 84). Desse modo, diremos que desde que alguém fale, implanta necessariamente o outro diante de si. Mas somente implantar o outro é suficiente para pensar na constituição da memória e do tempo? Ou a alternância entre eu-tu é fundamental nesse processo?

Por fim, o último elemento que queremos analisar é a presença do Outro (a cultura).

4.3 A instauração do outro (a cultura)

Segundo os estudos mais recentes do conjunto da obra de Benveniste, sua teoria constitui uma antropologia da linguagem, já que associa homem, linguagem e cultura. Em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1995/1963), o linguista afirma que a cultura é um fenômeno inteiramente simbólico e que “a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano” (BENVENISTE, 1995, p. 31). E diz ainda que “é pela língua que homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (p. 32).

Observamos o trecho em que Bernardo narra a “peça que pregou” com ajuda de um amigo, no restaurante de um hotel da cidade natal. Após narrar a encenação que protagonizou com um amigo, contou que foi desmascarado pelo irmão, que presenciara a cena: “disse *ó senhor, o senhor entrou numa fria aí... esses dois nenhum é nada, um é isso o outro é aquilo*” (linhas 48 e 49).

Chamou-nos atenção a nomeação das profissões: “esses dois nenhum é **nada**, um é **isso** o outro é **aquilo**”. Sabemos que *a linguagem é o instrumento do pensamento discursivo e o meio mais econômico dos simbolismos*. (BENVENISTE, 1995, p. 30). Também sabemos que o “isso” e o

“aquilo” provavelmente, na fala do irmão, identificaria a verdadeira profissão dos dois brincalhões na época. A vaguidão dessa informação presente no discurso de Bernardo nos provoca uma certa curiosidade: por que as profissões de ambos não são lembradas no discurso? E, se lembradas, por que não são referidas?

Ora, o que se manifesta ali, senão a presença da cultura, esse fenômeno inteiramente simbólico, como compreendia Benveniste.

Sabemos que a sociedade contemporânea julga as pessoas em razão da aparência, valoriza determinadas profissões em detrimento de outras, estigmatizadas socialmente, cultua o dinheiro, o status social etc. Assim, consideramos a possibilidade da escolha lexical do nosso participante pela indefinição da profissão dele próprio e do amigo (*nada/isso/aquilo*) tenha se dado em razão de algum constrangimento, já que, provavelmente, não seria uma profissão de prestígio social. Podemos imaginar isso, pois percebemos que o uso de determinado traje social (terno e gravata) funcionaram, na peça que pregaram ao viajante, como uma espécie de figurino teatral. Vestido de “terno e gravata”, nosso participante sentiu-se apto a encenar uma situação em que assumiria outra identidade profissional (a de fiscal), o que talvez não o fizesse se não estivesse vestindo esse traje.

Observamos, com isso, como a linguagem é determinada socialmente. *Nada/isso/aquilo* são pronomes indefinido e demonstrativos, respectivamente, na classificação da língua; entretanto, seu emprego, nesse contexto, não parece ser neutro, pois revela uma opção de alguém que fala. Benveniste, em entrevista a Pierre Daix para a revista *Les Lettres Françaises*, declarava que “a cultura é um sistema que distingue o que tem sentido e o que não tem” (1989, p. 22) e que “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores” (p. 22). Ora, o que nos permite associar *isso/aquilo* com profissões de pouco prestígio é o sistema de valores de nossa cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação propôs-se a olhar para a linguagem de alguém que envelhece não sob o aspecto biológico, mas a partir da perspectiva da linguística da enunciação. Ao pensar sobre o papel do tempo, manifesto através da memória e/ou da repetição, no discurso de adultos com mais de 60 anos, observamos que este se manifesta sob uma dupla movimentação. É o aqui-agora da enunciação que instaura uma primeira temporalidade, a qual é contemporânea ao discurso e, por isso, irrepitível. Além disso, em razão da constituição dessa primeira temporalidade, é possível emergir uma segunda forma de tempo – o passado, que retorna, via memória, através de narrativas de fatos e acontecimentos. Assim, como o passado atua no presente dos participantes da pesquisa? Vimos que o passado (emergente via memória) parece ser o veículo que torna possível a instauração de uma

posição de sujeito na linguagem e, por causa dela, no mundo, já que só existe sujeito na linguagem. O tempo, manifesto de modo especial na linguagem dos participantes desta pesquisa, garante a possibilidade de um lugar no espaço-tempo. Desse modo, torna-se importante o papel do outro (tu imediato) nas construções discursivas.

Neste pequeno recorte da pesquisa, vimos que Bernardo consegue instanciar-se muito mais do que Alice. Isso ocorre, provavelmente, em razão do envolvimento dos parceiros desse diálogo. Bernardo, como observamos, não instaura um único “tu”, de modo que tal posição acaba sendo assumida por diferentes interlocutores: Alice (a esposa), Antônia (filha), Carolina (neta). Podemos observar, a partir da análise deste excerto, que Bernardo não encontra dificuldade para se instituir como sujeito na enunciação e isso ocorre porque a condição de intersubjetividade é atendida, ou seja, Bernardo é validado por seus interlocutores. Alice também se instancia, mas, pelo menos neste excerto, protagoniza menos tempo de diálogo do que o marido. Nossa hipótese é de que a recorrência ao passado, que emerge via memória no discurso de Bernardo, dá a ele maior possibilidade de instituir (e manter) seu espaço-tempo de fala. Assim, parece legítimo defender a ocorrência das narrativas sobre o passado no discurso como a manifestação de uma possibilidade enunciativa na qual o interlocutor assume papel fundamental, pois é ele quem valida ou não a fala do outro.

Ao olhar para o discurso de alguém que envelhece, percebemos que a memória, na perspectiva enunciativa que adotamos, é a possibilidade de dar vida nova ao acontecimento e à experiência desse acontecimento, como ensinou Benveniste (1989), pois só a linguagem permite a reprodução da experiência do acontecimento. Daí a importância do outro (tu imediato) perceber que o passado (via memória) será, no discurso, sempre a inauguração de um novo momento, pois ainda não vivido. Esse outro precisa compartilhar desse momento como a reinauguração de um novo ato, o espaço-tempo da fala, pois a enunciação é esse momento etéreo que torna possível o encontro entre *eu* e *tu* na e pela linguagem e que permite viver, singularmente, a experiência do tempo.

Recebido em: fevereiro de 2017
Aprovado em: setembro de 2017
patriciav@upf.br

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. Confissões. Porto, 1948. Livro XI.

ALVES, C. A. Um estudo sobre o tempo em narradores de Javé. In: *Revista Signum: Estudos Linguísticos*. Londrina, n. 11/2, 2008, p. 33-50.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995.

- BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BIANCHI, H. *O eu e o tempo, psicanálise do tempo e do envelhecimento*. Tradução de Jean M. J. Briant. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- CAPT, V. *Poétique des écrits bruts*. Limoges: éditions Lambert-Lucas, 2013. p. 77-100.
- DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris : Éditions In Press, 2006.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2010.
- FLORES, V.N. Notas para uma (re) leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: TEIXEIRA, M; FLORES, V.N. (orgs.). *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p.149-165.
- _____. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *DELTA* [online]. 2013a v. 29, n. 1, p. 95-120. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502013000100005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 08/07/2014.
- _____. Introdução à teoria enunciativa de Benveniste. São Paulo: Parábola, 2013b.
- FREUD, S., *Studienausgabe*, Vol. complementario (*Ergänzungsband*): *Schriften zur Behandlungstechnik*, S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1975, pp. 205-215. Trad. Juan Bauzá. *Rememorar, repetir y reelaborar. Nuevas recomendaciones sobre la técnica del psicoanálisis II*
- GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, v.2.
- MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François *et. al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROSSI, P. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- SURREAUX, L. O efeito de transcrição na escuta de falas desviantes: uma leitura enunciativa. In: DI FANTI, Maria da Glória Corrêa *et al.* Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- TEIXEIRA, M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. In: *Revista Desenredo*, Volume 8, n 1. Passo Fundo, Editora da UPF, 2012. p. 71-83.
- TEIXEIRA M; FLORES, V. O campo da enunciação e a Análise do discurso. In: DE PAULA, L. ; STAFUZZA, G. *Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 41-62.

VALÉRIO, P. Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.